

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empresa Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Lafayette, PARIS

Telephons : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA	Anno	Fr.	14 »
	(Franco de parte)	Serejeiro	— 7.50
	Pagamento adiantado	Número unico	— 0.30

SUMMARIO :

O "golpe d'Estado" radical. Instabilidade da Republica e sua incompatibilidade com o paiz.

Como se faz opinião, ou um exemplo de "jornalismo consciente".

O sr. Affonso Costa revolucionario, e ministro. Descobre o chronista uma nova lei, e fecha com ella o 1.º volume d'estas notas.



ONSIDERADA em si mesmo, a tentativa de golpe d'Estado com que algumas das figuras proeminentes da epopeia da Rotunda acabam de juntar mais um festão á sua corôa de heroes, é um episodio de corrilho que não interessa ao paiz, tão alheio á decepção dos vencidos como ao regosijo, aliás bastante inseguro e superficial, dos vencedores, n'essa incruenta pugna militar de que Lisboa foi theatro por uma noite.

Que a sarrafuseca radical (!) vingasse ou não vingasse, que o poder executivo seja superiormente dirigido pelo sr. Affonso Costa ou pelo sr. Mario Monteiro, que (admittindo como exacta a versão dos jornaes) fôsse ministro o sr. Serejo em lugar do sr. Silva, ou que o seja o sr. Alipio de Castro em vez do sr. Carrazeda — Carrazeda, Carrecedo, Carraceda, sob todas estas fórmulas tem sido inculcado ao publico o nome do frustrado estadista — tudo isso não pôde attrahir senão por uma certa curiosidade e opinião nacional, sabedora como é de que, uns e outros, se podem trocar entre si sem agio.

Quando comparamos a immensidade do paiz, olhado como uma sociedade, á insignificancia da alcateia que desde outubro de 1910 se vem entre-

devorando em tão furiosos prélios, não podemos esquivar-nos a pensar n'aquelles combates encarniçadissimos que, segundo nos attesta a sciencia, continua e insuspeitadamente se férem no mundo dos infinitamente pequenos. Até os fazem lembrar na ferocidade com que o snr. Affonso Costa trata os seus rivaes subjugados, visto que, como se sabe, os taes entesinhos microscopicos são sempre implacaveis na victoria. Se pois o snr. Affonso Costa, e os Rodrigues, os Ribeiros, os Silvas terriveis que o ladeiam, não se mostram n'esta conjunctura muito humanos, é agora todavia o caso de se dizer que são rigorosamente *biologicos*...

No emtanto, dois aspectos dignos de reter-se offerece, ainda assim, o caso á attenção dos espectadores.

Um, é o que este episodio vale como uma nova comprovação da impossibilidade politica da Republica.

A chamada Republica portugueza é isto. E' o *banzé*.

A expressão *golpe d'Estado*, — que é apenas, na hypothese, uma maneira empolada de designar as successivas e azedas rixas que vão rebentando entre aquella sociedade de rufiões — ainda não sahio dos ouvidos de ninguem em Portugal, desde a hora para sempre memoravel em que sob as vistas complacentes do governo os generaes da Monarchia, com as lagrimas nos olhos, trespassaram o commando dos exercitos e o throno d'Affonso Henriques a um dispenseiro da armada.

Logo n'essa occasião se esteve, como foi patente, sob a imminencia d'um primeiro *golpe d'Estado* do snr. Machado Santos, que afóra outras reclamações queria, segundo constou (e queria com razão apparente) ser coronel d'artilharia.

Felizmente, como tinha acabado a revolução e portanto os chefes revolucionarios já podiam sahir á rua, o snr. Brito Camacho logrou d'essa vez, segundo é notorio, atalhar a primeira manifestação d'um mal que conforme se vê é congenito do regimen. Deve ter sido formidavel esse duello de dialectica entre o heroe da Rotunda e o director da LUCTA, cujas qualidades

de argumentador e de polemista são, como se sabe, notáveis. Mas o que é que, mesmo em debate com o sr. Machado Santos, não havia de conseguir « o mais habil manhoso da Republica »? E' á custa dos difficeis triumphos que se fazem as grandes reputações.

Afastada essa, porém, outras e consecutivas ameaças de *golpe d'Estado* tem incessantemente accentuado, a par d'outros signaes, a insegurança da Republica e a sua incompatibilidade com a ordem.

Golpe d'Estado para expulsar do governo provisório o sr. Antonio J. d'Almeida, e *contra-golpe d'Estado* para botar fóra os outros deixando-o ficar a elle ; *golpe d'Estado* dito *das chinezas*, iniciado pelos do sr. Affonso Costa para assassinar os snrs. Antonio J. d'Almeida, Machado Santos, Brito Camacho e outras notabilidades ; *golpe d'Estado* logo pouco depois, organizado por mysteriosos conspiradores contra o sr. Affonso Costa, segundo este diz, ou preparado pelo sr. Affonso Costa para se apossar do poder, segundo affirmam os seus adversarios ; *golpe d'Estado* projectado no Porto pelo sr. Affonso Costa contra o sr. Duarte Leite ; *golpe d'Estado* contra o sr. Affonso Costa pelo sr. Mario Monteiro, se é boa a versão dos jornaes, ou fôsse por quem fôsse, e que acaba de abortar em circumstancias notorias.

Não sabemos se nos esquece algum na relação, que é feita de memoria, mas com certeza ficam por mencionar todos os planeados *golpes d'Estado* que não tenham vindo opportunamente ao conhecimento publico, como esse de que se falou só agora em S. Bento e que, devendo principiar em Aveiro, tinha em vista assassinar o sr. Affonso Costa e o colombineo sr. conselheiro Bernardino.

Tal é a Republica, e nem outra coisa pôde ser, não só por causa da indole natural e irreprimivelmente chinfrinseira d'aquelles que, d'alto a baixo, a constituem, mas ainda por uma razão politica objectiva, que não estava nas suas mãos remover, mas que está nas suas mãos aggravar — o que ella tem conscienciosamente feito.

Essa razão é que, não sendo a Republica um estado de direito mas sim um estado de facto, sem relação alguma com o paiz, as luctas pelo poder, dentro d'ella, não pôdem realmente ferir-se n'outro campo que não seja este do assalto á mão armada.

Se duas quadrilhas, ou mais, quizerem disputar-se entre si a posse de certo despojo d'alguma empreza feliz, não é evidentemente á policia, á justiça, emfim aos meios legais que vão buscar a decisão da contenda: collocadas fóra da lei jurídica, fazem para seu uso a unica lei possivel, que é a da violencia.

Quem nos regimens normaes outorga a prioridade politica é o paiz, por via do eleitorado. Mas, no nosso caso, o paiz nada tem com a Republica; não foi nem pôde ser chamado a regular as alternativas da politica e do governo, porque se o fósse — bem o sabem, e o confessam, os homens do regimen — era para escangalhar d'uma vez para sempre toda a engenhoca republicana.

Portanto não ha senão o recurso á força, á *zaragata*, ás embuscadas, á surpresa nocturna, ao assassinato, aos cambalachos dos *grupos civis* e da soldadesca ou da marinagem carbonaria, ao que elles chamam emfim o *golpe d'Estado* — e isto quer seja para attingir o governo ou para se aguentar n'elle contramimando as conjuras do adversario.

Se ninguem tem mandato na Republica para exercer o poder porque é, com effeito, que ha de governar o snr. Leite e não o snr. Affonso Costa? E porque ha de mandar este e não o snr. Mario Monteiro, ou o snr. Carrazeda, ou Carreceda?

Assim, n'este regimen *luminoso e democratico*, se encontra reproduzido o systema de dominio das sociedades humanas mais rudimentares e primitivas.



Por outro modo revela ainda esta frustrada tentativa o divorcio completo entre a Republica e os sentimentos e aspirações do paiz.

E' com effeito manifesto que se, dentro do regimen, alguma modificação de processos pudesse — que não pôde — effectuar-se d'accordo com a opinião nacional, essa mudança seria no sentido de se iniciar uma politica moderada.

Todavia, o que a Republica nos dá como protesto effectivo contra a odiada politica demagogica e ultra-revolucionaria que o actual governo pratica — é uma intentona... *radical* !

Se o estado d'espírito do paiz pudesse reflectir-se n'algum partido politico do regimen actual, estimulando-o, acalentando-o e prestando-lhe força, esse partido seria o do snr. Antonio J. d'Almeida, que não se sabe por que cargas d'agua apparece — elle, um demagogo visceral, incapaz, por todas as razões, de ser outra coisa — a inculcar-se como *conservador* no mechanismo das facções republicanas.

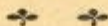
No emtanto, o snr. Antonio José d'Almeida não pôde com uma gata pelo appendice caudal, e ao passo que no « parlamento » elle e os seus partidarios se mettem (como lá lhes disséram outro dia) *debaixo das carteiras*, soffrendo os mais grosseiros improperios do chefe do governo e da canalheta que o appoia — quem ainda assim encontra dentro do regimen alguns incentivos que animem á revolta são os elementos hyper-jacobinos, para quem o snr. Affonso Costa é, ou parece ser, um consummado *jesuita* !...

Quer-se demonstração mais flagrante de como são differentes a atmospheria do paiz e aquella que se respira na Republica?

Emquanto a nação vae para a direita, o regimen embirra para a esquerda ; enquanto o paiz pede ordem, a Republica exige barafunda, e tem-na.

Tel-a-ha até o fim dos seus dias, que não podem ser longos, porque se a Historia nos fala de regimens que em varios outros povos e occasiões teem nascido assim hydrophobos, não nos conta que qualquer d'elles haja

resistido a si proprio — mesmo quando, como succedeu em Hespanha, quasi não toem necessidade de resistir aos adversarios ; o que ainda não é, apesar de tudo, o caso d'esta Republica.



Jornalismo Remette-me um amigo um bocicado
consciente do MUNDO, com um artigo assignado
Mayer Garção, dando conta de que El-Rei e o Senhor D. Miguel de Bragança estão a mal, porque S. M. « quer que se restaure em Portugal o *statu quo ante* em materia de relações da Igreja com o Estado », contra a opinião do seu Primo, que « preconisa uma separação da Igreja do Estado, á brasileira ». E sobre isto, grande girandola de baboseiras a proposito do *espírito beato* d'El-Rei, que assim se mostra « ainda mais reaccionario do que o representante da monarchia fradesca de D. Miguel » . . .

O amigo que me envia este retalho escreve-lhe á margem : *Então, ha coisa mais atrevida do que é a ignorancia?*

Não haverá, não. Quando ainda faziamos jornalismo em Portugal, o que nos obrigava a lêr habitualmente a extraordinaria gazeta do sr. Affonso Costa, já o sr. Mayer Garção ali desempenhava a sua parte de *burro-sabio* : aquelle melancolico jerico que nos circos de provincia vem no fim de tudo voltear na arena, e a que os espectadores, na pressa de sair, ou preoccupados em vestir os seus casacos, não lançam já senão um olhar maçado e distrahido.

Vemos agora que, no meio dos seus trabalhos d'espionagem e de delação, o secundario collaborador do publicista França Borges ainda continúa executando o seu numero quotidiano ; e que com o andar dos tempos parece ter-se tornado menos *sabio*, mas em compensação bastante mais asnatico.

É claro que nenhuma discrepância existem ou

pódem existir em materia de regimen religioso, entre El-Rei e o Senhor D. Miguel; isto por muitas razões, entre as quaes avulta a de que este Principe, que não é destinado a exercer nenhum papel na politica do paiz, consequentemente se mantem alheio aos problemas de governo que hão de sobrevir á restauração.

Mas não é d'isso que se trata agora. O dilate do articulista está em que a *separação á brasileira* — que segundo elle, El-Rei não quer por ser *mais reaccionario do que o representante da monarchia fradesca de D. Miguel* — é um regimen de liberdade plena da Igreja em face do Estado, com congregações, *jasuítas* de chapeu de bico, frades, freiras, irmãs-sinhas e tudo quanto pôde atormentar os sonhos do senador Faustino e dos seus camaradas do livre-pensadeirismo nacional. Assim é que, dos religiosos e religiosas expulsas de Portugal pela Republica, uma grande parte foi para o Brasil, onde vive perfeitamente ministrando o ensino, exercendo a caridade e observando em todo o socego as suas regras monasticas, enquanto no nosso paiz a educação se effectúa, por exemplo, por intermedio de jornalistas tão conscienciaes do que escrevem como este sur. Mayer Garção, que é sob varios aspectos um typo.

Separacões á brasileira, tomára a Igreja que lh'as dêssem em toda a parte, que ella as retribuiria com o melhor das suas graças espirituaes.

E é por isso que o chronista do MUNDO já tem a esta hora, não só por uma razão mas por duas, o logar marcado no céu.



De como a Historia se repete O sr. Affonso Costa, falando em S. Bento sobre o *golpe d'Estado*, fez grande troça de que os revolucionarios tenham entregado as armas sem darem um tiro, impedindo assim que o governo pudesse manifestar a força prodigiosa de que dispõe.

O facto não é novo.

Já no 28 de janeiro — á parte alguns casos de tiros isolados, que tambem se produziram agora — os revoltosos se renderam pacatamente com as armas na mão, onde quer que fôram encontrados. Nomeadamente os chefes, entre os quaes estava o sr. Affonso Costa, entregaram-se sem um esboço de resistencia, não ás forças militares como estes, mas mais banalmente á policia civil, e não só com as armas na mão, senão que cercados d'armas de todas as especies, taes e tantas que nem mesmo nas mãos lhes esberiam.

É porém de justiça reconhecer que no 5 d'outubro as coisas tambem não se passaram de modo muito differente; só que então, quem entregou as armas não fôram os revolucionarios, e sim os que o não eram.

D'onde parece poder-se induzir uma lei geral, a respeito das modernas revoluções no nosso paiz: as armas são sempre entregues áquelle que primeiro tem a ideia de as pedir ao adversario.

ANNIBAL SOARES.

FIM DO VOLUME I